

“Intercessão social enquanto prática cotidiana”: uma experiência de psicodrama público com a população em situação de rua*

.....
José Maestro de Queiros**

Gilberto José Monteiro***

*Um encontro entre dois: olho a olho, cara a cara.
E quando estiveres perto arrancarei teus olhos
E os colocarei no lugar dos meus
E tu arrancarás meus olhos
E os colocará no lugar dos teus.
Então te olharei com teus olhos
E tu me olharás com os meus.*

J. L. Moreno

SUMÁRIO: 1. Introdução; 2. O percurso; 3. Programação do curso; 4. Público participante; 5. Metodologia; 6. Psicodrama público *in loco*: inversão de papéis; 7. Resultados; 8. Resumo; 9. Conclusão.

* Artigo recebido em mar. e aceito em jun. 2005.

** Mestrando em administração, comunicação e educação pela Universidade São Marcos, bacharel em direito, especialista em violência doméstica contra criança e adolescente pela USP, especialista em gerência pelo Instituto Mauá de Tecnologia. Ex-supervisor de Desenvolvimento de Pessoal e chefe de Gabinete da Secretaria Municipal de Assistência Social. Experiência em coordenação de programas de desenvolvimento de capacidades na Secretaria de Gestão Pública e na Secretaria Municipal de Assistência Social (SAS). Endereço: Escola de Formação do Servidor Público Municipal — Rua Zaki Narchi, 536 — Santana — CEP 02029-000, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: jqueiros@prefeitura.sp.gov.br.

*** Bacharel em história, especialista em violência doméstica contra criança e adolescente pela USP. Ex-supervisor-geral de Desenvolvimento de Pessoal da Secretaria Municipal e Assistência Social. Experiência em coordenação de programas de desenvolvimento de capacidades na Secretaria de Gestão Pública e na Secretaria Municipal de Assistência Social (SAS). Endereço: Rua Mário de Castro, 54 — Penha — CEP 03605-050, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: gmonteiro@prefeitura.sp.gov.br.

SUMMARY: 1. Introduction; 2. Evolution; 3. Course syllabus; 4. Participants; 5. Methodology. 6. *In loco* public psychodrama: role switching; 7. Results; 7. Summing up; 9. Conclusion.

PALAVRAS-CHAVE: serviço público; psicodrama público; desenvolvimento de pessoal; política de gestão de pessoas.

Key words: public service; public psychodrama; personnel development; people management policy.

Este artigo relata a participação dos profissionais da área de assistência social da Prefeitura de São Paulo no psicodrama público com a população em situação de rua e seus reflexos no estabelecimento da política de gestão de pessoas, nas ações de capacitação e formação de pessoal. A estratégia utilizada foi a realização do curso “Interseção social enquanto prática cotidiana” dirigido a 210 participantes organizados em grupos divididos por regiões, que discutiram temas como a relação de cada um com a cidade, a diferença entre ética e moral, formas de abordagem junto à criança, ao adolescente e ao adulto, mitos, medos, preconceitos e surpresas, a violência e o resgate profissional dos servidores e trabalhadores das ONGs que atuam na área de assistência social. O resultado desse trabalho foi a definição das informações e conteúdos necessários para ações de capacitação e formação de pessoal, bem como a adoção da formação como suporte às mudanças da cultura organizacional, concepções e práticas de trabalho utilizadas.

‘Intercession as a daily practice’: a public psychodrama experiment with the street population

This article describes the participation of Social Services Department workers of city of São Paulo in a public psychodrama with the street population, as well as its reflexes on the establishment of a people management policy, in respect to personnel qualification and formation actions. The strategy was to carry out ‘Intercession as a daily practice’, a course for 210 participants organized in groups distributed by region. They discussed issues such as their relationship with the city, the difference between ethics and moral, kinds of approaches to children, adolescents and adults, myths, fears, prejudice and surprises, violence, and the professional valorization of public and NGO workers in the social service area. The result was the establishment of the information and content needed for personnel qualification and development actions, as well as the adoption of development to support the change of organization culture, concepts and work practices.

1. Introdução

No final de 2001, a Secretaria Municipal de Assistência Social (SAS), órgão da Prefeitura de São Paulo responsável pela política de direitos socioassistenciais, passou de 13.090 para 1.900 servidores e de 289 unidades de prestação de serviços para 18, por causa da transferência do sistema de gestão de creches diretas e conveniadas para a Secretaria Municipal de Educação. Esta situação representou um nó emble-

mático nas discussões do corpo funcional e gerencial dentro da secretaria, envolvendo ainda outras questões.

Resistência à gestão democrática da política de assistência social. As capitais e cidades brasileiras logo depois da Constituição Federal (1988) e da Lei Orgânica da Assistência Social — Loas (1993) — iniciaram o processo de mudança de gestão da política de assistência social com a eleição de um conselho igualitário e a criação de um fundo municipal de assistência social. Esta mudança permitiu a transferência de recursos federais, estaduais e até internacionais para a provisão de recursos para a política de assistência social. Em São Paulo houve rejeição, por parte do Executivo da época, de que a cidade tivesse o seu comando único e um conselho. Durante a década de 1990 nenhuma medida de enquadramento da gestão de assistência social na cidade para o novo paradigma colocado pela Constituição foi efetivada, bloqueando esse avanço.

Ausência de alinhamento conceitual entre os agentes institucionais. No novo paradigma, o conceito de assistência social, política pública de proteção social, significou que todos entendessem claramente qual era a função do órgão municipal na assistência social. Como historicamente esse órgão sempre teve uma mudança de competências, os trabalhadores tiveram que passar por um processo de realinhamento conceitual para definir claramente o objeto de sua ação.

Percepção dos agentes institucionais de ausência da identidade. No final de 2001, o fato de as creches municipais serem transferidas para a Secretaria Municipal de Educação, por causa da Lei de Diretrizes e Bases, reduziu significativamente o número de servidores da Secretaria Municipal de Assistência Social, passando de quase 14 mil para 2 mil. Isso acarretou um sentimento de perda, significando também a perda da identidade do órgão. Houve a necessidade de reestruturação institucional para que o significado da política de assistência social pudesse ser firmado, independentemente de se ter mais ou menos funcionários. Por outro lado, esse acontecimento trouxe à tona a verdadeira identidade que até então estava ofuscada pela grande demanda de atenção que as creches exigiam.

Baixa eficácia e efetividade nos resultados. A não-qualificação das relações de parceria com as organizações da sociedade civil acarretava a falta de unidade entre a ação desenvolvida pelos técnicos servidores municipais e os técnicos celetistas contratados pelos convênios, necessitando de revisão no estabelecimento das parcerias.

Ações fragmentadas e falta de unidade de ação. Cada atividade da SAS era pensada em si mesma ou então cada parcela da população pensada como um segmento e uma política de ação que não era compartilhada pelas organizações não-governamentais. Essa fragmentação precisou de uma concepção de assistência social que fosse capaz de ser uma diretriz abrangente e unificadora para construir a nova lógica da unidade de ação. A construção dessa unidade exigiu compreender as funções de Estado da

assistência social por meio das seguranças sociais, e definir quais atividades estariam nos campos da acolhida, do convívio, do desenvolvimento da equidade e da construção da provisão da autonomia. Esta primeira grande nucleação em alguns campos permitiu que fosse colocada em segundo plano a organização do trabalho por segmentos.

Política de gestão de pessoas desvinculada da política de assistência social. A política de gestão de pessoas apartava os trabalhadores da rede conveniada dos servidores que atuavam diretamente no órgão público, por exemplo, não os considerava em suas ações de aprendizagem. E não vinculava os resultados do desenvolvimento de pessoal à reconstrução da política de assistência social. Faltava uma política de desenvolvimento de competências dos trabalhadores da área socioassistencial que assegurasse a transformação das relações do e no processo de trabalho. Além disso, não havia vinculação da capacitação de servidores com a política de assistência social como estratégia de valorização e de profissionalização para a implantação e continuidade da mudança requerida. Uma nova visão de desenvolvimento profissional teve que ser construída sem que o processo de desenvolvimento levasse em consideração o servidor que, ao agregar valor para a organização e esta para o servidor, agregasse valor também para os usuários dos seus serviços.

Portanto, o primeiro resultado do governo da reconstrução no campo da assistência social foi reconstruir a política pública de assistência social.

A SAS teve que reestruturar as práticas de assistência social da cidade como uma das políticas sociais do governo municipal, a partir de desafios claramente identificados, como mostra a figura 1.

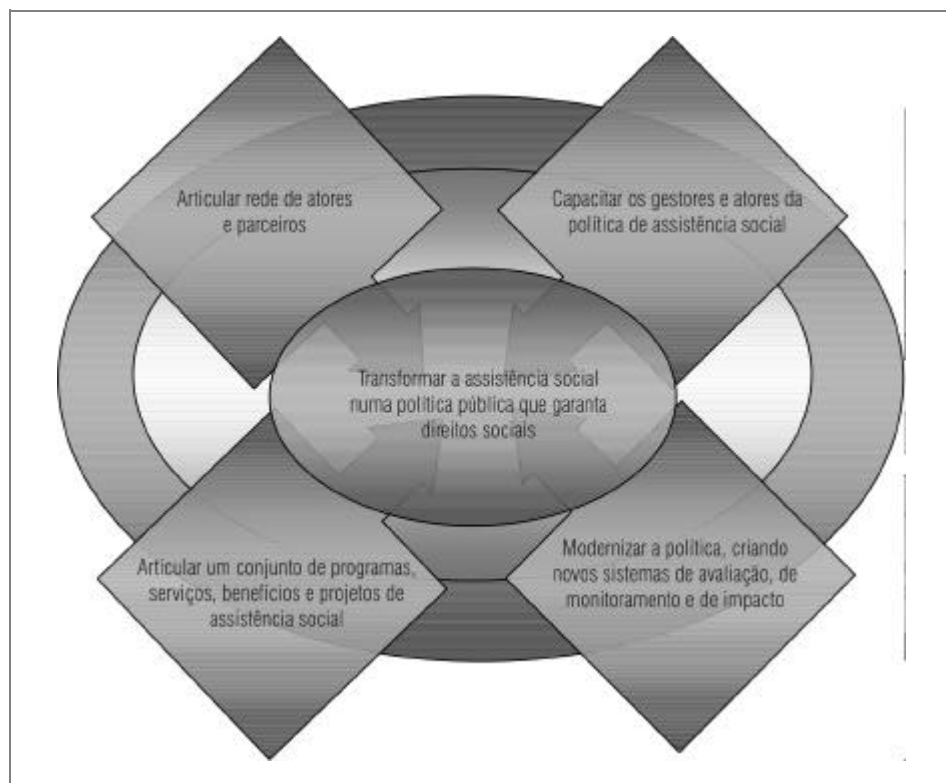
Especificamente, no que se refere ao processo de capacitação de servidores, foram observados os seguintes princípios e diretrizes:¹

- t vincular todas as ações da SAS, central e regionais, às metas da política de assistência social para a cidade de São Paulo especificadas no Plano de Assistência Social da Cidade de São Paulo;
- t reintroduzir o trabalho social direto, especialmente para atendimento a homens, mulheres, crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, identificando a realidade e articulando a rede socioassistencial;
- t requalificar as ações da SAS mediante a formação, capacitação e construção da responsabilidade do seu quadro funcional pela: qualidade dos resultados, democratização da gestão, aprimoramento metodológico, construção do conhecimento por meio da prática e desenvolvimento de processos gerenciais adequados.

¹ Estes princípios estão contidos no Programa de Reordenamento Político da Política de Assistência Social da Cidade de São Paulo, Portaria nº 18/2002/SAS/GAB.

Figura 1

Desafios da reconstrução da política de assistência social da cidade de São Paulo (2002)



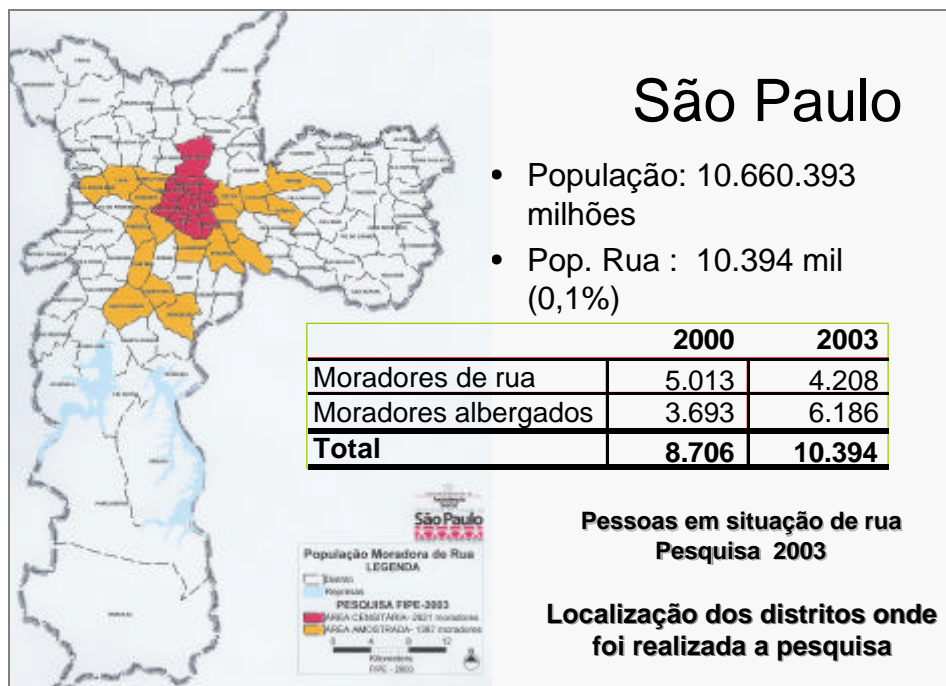
2. O percurso

Segundo o Censo de 2000, realizado pelo IBGE, a cidade de São Paulo tem uma população de 10.406.000 habitantes distribuída heterogeneamente entre 96 distritos administrativos. No entanto, o censo não considera as pessoas em situação de rua (adultos, crianças e adolescentes) que elevaria tal número em mais 10 mil moradores.

Essa forma de exclusão, tornando invisível o visível, acarreta periodicamente para a SAS a realização da contagem da população em situação de rua. Em 2000 foram identificadas 8.700 pessoas nas ruas da cidade de São Paulo, sendo 85% ho-

mens e 15% mulheres concentrados na região central, 70% do total. A situação pode ser comparada com a de 2003 a partir da figura 2.

Figura 2
População em situação de rua
(2000 e 2003)



Fonte: Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social/Fipe (pesquisas realizadas em 2000 e 2003).

Esse fato, aliado às condições já descritas, definiu a prioridade da secretaria e a proposta de ação de aprendizagem que trabalhasse as resistências, mitos, preconceitos e medos dos servidores no trabalho direto com a população em situação de rua.

Por meio da contratação da Role Playing, sob a coordenação de Marisa Greb e em conjunto com representantes da SAS, foi planejado o curso “Intercessão social enquanto prática cotidiana”.

Os participantes do curso foram organizados em sete grupos de acordo com as regiões da cidade de São Paulo (dois grupos Centro-Oeste, dois grupos da Zona Sul,

um grupo da Zona norte, dois grupos da Zona Leste) e dirigidos por sete diretores psicodramatistas com suas equipes. No total o curso teve a participação de 210 técnicos da SAS e educadores de ONGs conveniadas que trabalhavam com população em situação de rua ou em situação de risco.

Durante a realização do curso, em 18 de outubro de 2002, aconteceram em 33 locais da cidade psicodramas públicos, objetivando trabalhar as questões emergentes da população em situação de rua na relação com os técnicos da SAS e educadores das ONGs conveniadas junto à prefeitura com a técnica de inversão de papéis. O exercício de inversão de papéis permitiu uma aproximação da realidade subjetiva dos indivíduos que compõem essa população. Ao mesmo tempo forneceu instrumentos para a pesquisa, compreensão e intervenção espontânea e criativa dos técnicos e educadores na relação com a população em situação de rua.

Foi grande a diversidade e heterogeneidade das situações onde foram realizados os psicodramas, porém dois grandes “blocos” puderam ser identificados:

- † *locais abertos* — ruas, praças, parques. Estes locais proporcionaram contato com os chamados “moradores em situação de rua”, pessoas que de fato usam a rua como moradia;
- † *locais fechados* — nas ONGs o contato com pessoas em situação de risco, ou seja, que por condições de vulnerabilidade social apresentaram problemas como drogadição, desagregação familiar, falta de moradia e miséria.

As questões a seguir foram a base para o desenvolvimento do psicodrama e deveriam ser respondidas.

- † Quais as ações que o trabalhador pode ter em seu cotidiano de trabalho, principalmente no atendimento direto ao cidadão em situação de rua?
- † Como resgatar a valorização de suas ações nas relações que estabelece com a população demandante, reconhecendo sua potência de como pode fazer para as “coisas” acontecerem?

O curso desenvolveu-se a partir dos seguintes pressupostos:

- † uma ação educativa que promovesse o desenvolvimento de aprendizagem para a compreensão da realidade complexa que vive o morador de rua e a possibilidade de decisão sobre os modos de intervir sobre ela;

- † uma metodologia que possibilitasse a capacidade de auto-afirmação de cada um na posição singular que ocupa e na coragem de se orientar e se organizar no mundo.

3. Programação do curso

Na realização do curso os participantes discutiram vários temas.

- † A subjetividade capitalista da cidade de São Paulo: a geopolítica e geografia mental. *Psicodrama* — A relação de cada um com a cidade.
- † O que é ética? *Psicodrama* — A diferença entre fatos e acontecimentos: a ética como desejo e moral como servidão.
- † O ponto de vista da população em situação de rua: abordagem junto à criança, ao adolescente e ao adulto: mitos, medos, preconceitos e surpresas. *Psicodrama* — Percepção e concepção de população em situação de rua.
- † A violência. *Psicodrama* — A violência em cada um: qual é o seu medo?
- † A intercessão social enquanto prática cotidiana. A clínica do social como produção de outros modos de subjetivação. A função da mediação. O intercessor social como mediador. *Psicodrama* — Intercessor social na região: o resgate profissional e suas cenas temidas.
- † Como trabalhar em grupo? *Psicodrama* — Métodos e técnicas de produção em grupo.
- † Concomitantemente com o psicodrama público — *role reverse in loco*. A inversão de papéis: a vivência do profissional da SAS como população em situação de rua a partir do psicodrama público.

4. Público participante

Participaram 210 profissionais da Secretaria Municipal de Assistência Social e de ONGs conveniadas divididos em grupos de 30 pessoas, num total de sete grupos. O público-alvo do psicodrama público incluiu a população em situação de rua.

5. Metodologia

Foram adotados o sociopsicodrama e reflexões filosóficas por meio de palestras, de forma a facilitar a aprendizagem do papel, a revisão das idéias, conceitos e atitudes no desempenho desse papel e exploração dos conflitos existentes.

As palestras no período da manhã foram utilizadas como aquecimento para o psicodrama. No período da tarde, realizou-se psicodrama para trabalhar as ressonâncias da palestra e as questões que os trabalhadores encontram no cotidiano.

A base metodológica do curso foi o psicodrama, que é uma maneira de trabalhar com grupos de forma terapêutica, pedagógica e investigativa. O psicodrama foi desenvolvido no início do século passado, em Viena, pouco depois do advento da psicanálise. Baseia-se em três pontos: teatro, psicologia e sociologia. Foram utilizados os conceitos de Jacob L. Moreno concernentes à dinâmica grupal, interação social, “átomo social”, de espontaneidade e possibilidades dramáticas. Seu trabalho nos permite hoje sair para a comunidade e diversos espaços onde a mudança social se faz presente, onde os indivíduos querem transformar-se em atores, sujeitos de direito. Ator e protagonista de sua própria vivência.

No Brasil, o psicodrama surgiu com força durante o período mais terrível do regime militar — no fim dos anos 1960 e início dos 70. Era a época em que se desenvolvia a contracultura, em que se questionavam posturas até então inquestionáveis.

O psicodrama é a oportunidade das pessoas, a partir de um tema ou uma experiência, vivenciarem lembranças ou história de vida, num constante movimento de ação-reflexão. Quando fazem isso visam a pesquisa, a compreensão e a intervenção espontânea e criativa em suas dinâmicas. Assim, podem se livrar das idéias preconcebidas que dificultam as novas ações e mais especificamente conseguem uma maior percepção dos jogos que não percebem, das cenas que lhes são negadas e dos papéis que lhes são atribuídos. E dessa forma recriam o real.

O ponto culminante foi o psicodrama público, quando 51 grupos se espalharam por 33 pontos da cidade, nos albergues, praças, ruas e avenidas, sob viadutos, marquises e pontes para a inversão de papéis. Os profissionais da área de assistência social se colocaram como pessoas em situação de risco, e essas pessoas se colocaram como profissionais de assistência social. É um método que dá conta da diversidade e da intensidade dos problemas que surgem nas relações que se estabelecem nos grupos e permite ao participante revisão do conhecimento da situação, contar sua história e oportunizar a percepção dos envolvidos no desempenho dos papéis.

6. Psicodrama público in loco: inversão de papéis

A práxis buscou uma articulação viva entre a teoria e a vida. Foi o momento da ação-reflexão, de experienciar, exercitar o reconhecimento do outro na própria alteridade. Estiveram reunidos diretores psicodramatistas, técnicos da SAS, educadores das

ONGs e população em situação de rua e/ou de risco com a proposta de buscar novas possibilidades, fortalecendo as singularidades e diferenças; cada local desenvolveu o processo de acordo com a dinâmica presente.

Contradições percebidas

Contradições que se colocaram no grupo dos técnicos: de um lado, o desejo de ir; de outro, um certo receio, mas disponíveis; alguns com vontade de ir a mais de um lugar para poder ampliar a experiência em lidar com a população em situação de rua.

O psicodrama gerou entre técnicos e trabalhadores das ONGs muitas discussões em relação ao trabalho: as questões políticas envolvidas, a falta de crença na instituição e nos projetos, o fato de concordância com algumas ações e não ter voz ativa para modificar, as resistências, medos, confusão, inquietação, ninguém conseguiu ficar indiferente à proposta.

7. Resultados

Os resultados alcançados com a realização do curso podem ser descritos tanto no âmbito da incorporação de novas posturas quanto na aquisição dos conhecimentos que foram oferecidos pelas palestras, ampliando o conhecimento que cada um tem de si e das implicações de que os comportamentos observáveis no cotidiano das relações contribuem como respostas às questões inicialmente discutidas.

Relataremos, por exemplo, o desenvolvimento do módulo I — A subjetividade capitalista da cidade de São Paulo: a geopolítica e geografia mental.

Psicodrama — Como resgatar e manter a biopotência? Essa pergunta ficou no ar.

A relação de cada um com a cidade — O caos e a solidão da cidade, vistos e produzidos em cada um.

As ressonâncias desse módulo foram classificadas em dois blocos: a *cidade objetiva*, com as percepções da geopolítica da cidade, e a *cidade subjetiva* produzida em cada um, constituindo a geografia mental.

Quando se pensa uma cidade e se leva em conta os seus fluxos, vem à tona uma espessura subjetiva que não aparece de imediato. No entanto, se a gente pensa nessa cidade nos seus inúmeros fluxos materiais e imateriais, todo esse domínio, que não é exclusivamente matéria, que é muito difícil fazer um mapa porque não é quantificável, se sofisticava com instrumentos da cartografia e aparece uma dimensão da cidade antes completamente ocultada. E essa dimensão da cidade subjetiva vai

emergindo e tem outras potências antes invisíveis, ela tem potência de afetar e de ser afetada e que antes não se via.

Resumo das discussões de grupos dos psicodramas

Cidade objetiva: geopolítica	Cidade subjetiva: geografia mental
<ul style="list-style-type: none"> s A cidade com seus fluxos, seu caos. s As pessoas solitárias, sem condição de perceber a si mesmas e ao outro. s Cenas de atendimento à população de rua. s A maioria revelando propostas precárias, fragmentadas, burocráticas. s Possibilidade de criar novos fluxos e agenciamentos: redes. 	<ul style="list-style-type: none"> s Cidade vive por eles. s Ação passiva, à espera de movimentos. s Imposição dos próprios valores. s Fascínio pelo cidadão em situação de rua que tende a levar a limites máximos a sua opção pelo prazer imediato, sem se deixar constranger ou capturar. s As cenas permitiram a percepção da própria solidão e abandono e a necessidade de construir algo novo para modificar isso.

8. Resumo

A partir destas questões iniciais foram alcançados os resultados apresentados nas seções a seguir.

- † Quais as ações que o trabalhador pode ter em seu cotidiano de trabalho, principalmente no atendimento direto ao cidadão em situação de rua?
- † Como resgatar a valorização de suas ações nas relações que estabelece com a população demandante, reconhecendo seu potencial de fazer as “coisas” acontecerem?

Há e quais são as diferenças entre técnicos da SAS e trabalhadores das ONGs conveniadas?

A maioria dos técnicos e trabalhadores compareceu ao psicodrama público. Foi com o trabalho deles e as suas informações que o encontro se tornou possível. As diferentes posturas entre técnicos da SAS e das ONGs apareceram com bastante clareza.

- † Os *técnicos da SAS* tiveram mais dificuldade na aproximação, muitas vezes preferindo ficar na posição de espectador, “vim só olhar”, e alguns (poucos) casos rejei-

tando francamente a proposta: “não sou pago para isso”. Outros enfrentaram o medo e com o suporte dos trabalhadores da rede conveniada se envolveram e conseguiram inverter os papéis. Uma possível leitura da dificuldade pode ser a aceitação dos próprios limites e a possibilidade de trabalhar no seu possível, na sua real potência.

- t Os *trabalhadores das ONGs* revelaram maior proximidade com a população de rua, pois em seu trabalho, na maioria das vezes, o contato direto com essa população já se faz cotidianamente há algum tempo. Nem por isso estiveram totalmente à vontade, pois os conteúdos discutidos durante o curso e a diferença na abordagem não deixaram ninguém seguro.

Há e quais são as semelhanças entre técnicos da SAS e trabalhadores das ONGs conveniadas?

- t Técnicos e trabalhadores pouco preparados para lidar de forma efetiva e transformadora com as questões que enfrentaram. Dificuldade de marcar limites.
- t A relação com o “pobre e oprimido” reflete modelos assistencialistas não condizentes com a política pública de assistência social.
- t O vocabulário utilizado por técnicos e trabalhadores não facilitou a comunicação com os albergados, não só pela utilização de palavras mais sofisticadas, como também pelo discurso longo, na linha da “pregação” ou “oferta de conselhos”, que lembram discursos de “mães”.
- t Ter que cumprir uma expectativa social do desempenho da função, sem poder expressar-se verdadeiramente o que sente na relação.
- t Percepção do quanto é difícil a relação de confiança quando desempenham o papel de população em situação de rua. Optaram pela *compreensão e solidariedade*, e quem sabe, a partir disso, não poderá ocorrer uma melhor contribuição para elaboração de políticas e programas sociais mais eficazes.

Olhar da população em situação de rua

- t A maioria das cenas de inversão de papéis mostrou que os técnicos e trabalhadores são vistos com bastante lucidez pelos moradores. Em nenhum dos locais houve recusa por parte dos moradores em fazer a inversão, na maioria o papel foi representado com prazer com muitos depoimentos de “é bom sentir-se útil, po-

der ajudar alguém”. Muita facilidade de captar o papel por não estar colado em uma imagem ou expectativa social do desempenho.

- † Foi desvelada uma descrença em relação aos técnicos por acharem que são despreparados para lidar com eles. “Precisam de mais psicologia” disseram alguns. Também expressando que não tinham experiência de vida e precisariam de mais preparo.

Identidade humana é possível a partir da relação

- † Surpresas do desempenho dos presentes na apresentação de suas qualidades e habilidades artísticas e produtivas de forma espontânea, que podem ser utilizadas como atividade de inserção social.
- † A necessidade de uma integração maior por parte dos técnicos com a população, ou seja, quase nenhum deles conhecia esses profissionais e sabia das suas atividades do dia-a-dia.
- † Apesar de os técnicos inicialmente terem mais dificuldade do que a população para entrar na representação de papéis, com o decorrer das dramatizações desconstruíram seus papéis, para co-construírem o novo papel. Eles perceberam ao sentir a realidade dos moradores nos seus corpos outras maneiras possíveis de relacionamento.
- † Pela discussão e reflexão coletiva emergiu uma inteligibilidade dos comportamentos e do conhecimento da realidade encobertos pelo sofrimento.
- † O medo dos técnicos de contato com a população de rua foi desfeito, porque perceberam que outra relação era possível.
- † Percebeu-se que técnicos e moradores são mais parecidos do que supunham.

Locais abertos: foco é familiaridade — busca das tribos nos locais abertos

- † É notável o trabalho emergencial na produção da sobrevivência. Os moradores em situação de rua têm percepção de sua condição de marginalizado social, valorizam a escuta, mas anseiam o aprofundamento do olhar para que as estratégias de ação resultem em práticas compatíveis com suas manifestações.
- † Por outro lado, denotam desilusão, ressentimento, resignação, revolta e descrença nos que estão do outro lado e têm lar, família estruturada e emprego.

- † Demonstram desconfiança, mas alguns “curtem” a oportunidade para extravasamento de suas falas sufocadas nos barracos, buracos, pontes e viadutos.
- † Também ficou visível o desejo de voltar ao mundo dos incluídos socialmente. Dificuldade, na maioria das vezes, vista como impossibilidade, por rejeitarem a idéia de voltar para suas antigas casas e sofrerem, em muitos casos, maiores violências do que sofrem na rua.
- † Os moradores mostraram que formam um grupo, identificam-se entre si, com suas regras, valores e cuidados mútuos. São produtivos, trabalham “catando lixo” e reciclando material. O futuro é o presente, o momento é aqui e agora. Em alguns casos os vínculos são muito fortes entre eles e alguns se relacionam como uma grande família.
- † Existe a autopreservação, embora bastante prejudicada, de que no compartilhar foram reveladas a rejeição familiar e baixa auto-estima muito acentuada. A falta de apoio da família foi encontrada muitas vezes nos grupos.

Locais fechados, população em situação de risco: foco é a família — resgatar laços de sangue

A população foi convidada ou envolvida no processo ao comparecer à ONG para as atividades cotidianas. É notável que o trabalho nas ONGs é processual, na produção da vivência, da vida.

Os albergues/abrigos

- † Muitos dos albergados sonham com emprego para recuperar a dignidade e poder voltar para a cidade de origem ou para a família. Sentem-se deslocados e improdutivos na convivência com alcoolistas e drogados.
- † Muitas críticas, queixas e desencontros, uma relação de grande desânimo com as propostas de atividades oferecidas pelo albergue.
- † As regras e atividades propostas pelos serviços são vistas como inadequadas e fatores de afastamento dos albergues.
- † Posturas e desejos que não são compatíveis com a possibilidade de acolhimento no âmbito da SAS, pois reivindicam moradia e não albergues, trabalho e não apenas banho, comida e documentos.

- † Desejo de liberdade, e não regras disciplinadoras rígidas. Preferência pela rua na impossibilidade de ter um lar.

9. Conclusão

A população em situação de rua demonstrou durante o psicodrama um processo de maturidade que reflete o fortalecimento dos movimentos sociais das décadas de 1980 e 1990, diverso do modo de funcionamento dos trabalhadores sociais que não alteraram o seu modelo de atuação, por sua vez, reflexo dos anos de atraso de gestões sem visão de construção de políticas sociais na assistência social. A dinâmica do poder, demonstrada pelas atitudes e práticas do corpo técnico, reforçava o modelo assistencialista, carecendo de uma nova compreensão de política pública para as mudanças que estivessem comprometidas com o direito social.

Nos anos seguintes essa grande mudança foi concretizada a partir dos seguintes eixos:

- † construção da rede como suporte grupal, diminuindo o isolamento e inserindo o usuário nos serviços constituídos;
- † estabelecimento de nova prática ou metodologia implicando uma nova visão da problemática, caracterizada até então de forma genérica, raramente sendo considerada na sua diversidade, homogeneizando situações, condições de vida, populações e lugares. Foi necessário conhecer a cidade. Portanto, um dos aspectos desenvolvidos na SAS foi assumir a perspectiva territorial como parte intrínseca da política de assistência social na cidade de São Paulo;
- † necessidades de capacitação teórica e metodológica como fundamento do aperfeiçoamento profissional e para a sustentabilidade das mudanças que estavam sendo implementadas no órgão gestor da política de assistência social.

Referências bibliográficas

CARVALHO, Doralina. *Expressões de vida e subjetividade*. Role Playing, 2002. (Seminários Filosóficos Role Playing). ms.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O antiêdipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996.

GREEB, Daniela; GREETS, Marisa. *Relatório e análise do curso de sensibilização: intercessão social enquanto prática cotidiana*. São Paulo, 2002. ms.

MARRA, Marlene Magnabosco. *O agente social que transforma*. São Paulo: Ágora, 2004.

MILAN, B. *O jogo do esconderijo: terapia em questão*. São Paulo: Pioneira, 1976.

NAFFAH NETO, Alfredo. *Psicodrama: descolonizando o imaginário*. São Paulo: Plexus, 1997.

PELBART, Peter Pal. *O homem no mundo*. Role Playing, 2002. (Seminários Filosóficos Role Playing). ms.

RIOS, Terezinha. *O que é ética?* São Paulo: Cortez, 2001.